Duarte Lopes



*(PUBLICADO NO CORREIO DO RIBATEJO DE 16 DE FEVEREIRO DE 1996)*

Nasceu no terceiro quartel do século XV na vila de Benavente este explorador de ascendência judaica.

Acompanha o tio num barco de mercadorias de sua propriedade que saiu de Lisboa em 1578 com direcção ao Norte de Angola.

Estando no Reino do Congo, soube conquistar a confiança do rei local que o considerou “seu fidalgo”, facilitando-lhe o comércio que pretendia efectuar e em que se englobava o tráfico de escravos.

Cinco anos após ter saído de Lisboa, o Rei do Congo envia-o a Roma como embaixador a fim de reivindicar melhores condições para o comunidade cristã do seu reino, notando-se fundamentalmente a falta de sacerdotes, diligência de que não foi bem sucedido.

Duarte Lopes antes de chegar a Roma, esteve algum tempo em Portugal e principalmente em Espanha, sendo recebido pelo papa Sixto V, em 1588.

As facilidades e regalias que o rei do Congo lhe concedeu para fins comerciais, possibilitavam-lhe ir fazendo croquis topográficos e anotações de factos históricos da dinastia dos reis negros do Congo, cristianizado desde 1491, da maneira de ser das populações com seus usos, ritos, trajos e armas, das condições meteorológicas, dos nomes das povoações, dos principais rios e elevações, da flora e da fauna.

Quando da presença em Roma, o Bispo de S. Marcos, António Miglione, impressionado pelo que lhe constava da exótica peregrinação do explorador português, contactou com o escritor Filipe Pigafetti no sentido de este o servir e depois dar à estampa, em italiano, quanto ele lhe transmitisse sobre essas regiões de África quase desconhecidas.

***[Relação do Reino do Congo]***

Assim, em 1591 é publicado em Roma a Relação do Reino do Congo, notícia de coisas, peregrina e conveniente a homens de estudo e de grande engenho, como filósofos e geógrafos, ilustradas com desenhos representativos da abordagem.

Procederam-se a várias edições em Itália como em França, na Grã-Bretanha e noutros países.

A obra teve em Portugal uma das últimas edições e “fac similada”, em 1951, com representação integral da capa inserta na primeira edição italiana.

DUARTE LOPES



Duarte Lopes, considerado pioneiro dos exploradores na África Central, é natural de Benavente, filho de um confeiteiro radicado em Lisboa, de ascendência judaica, nasceu no século XVI, não se sabe ao certo quando.

Através da obra de Filippo Pigafetta, ***Relação do Reino do Congo e das terras circunvizinhas****,* sabemos que este cristão-novo navegou, no mês de Abril de 1578, para o porto de Luanda, sito no reino do Congo, numa nau chamada Santo António, pertencente a um seu tio, carregada de mercadorias diversas para aquele reino.

Uma vez instalado no Congo, soube conquistar as boas graças do rei local, Álvaro I, que o considerou “seu fidalgo” e lhe facilitou as actividades comerciais, nas quais se incluía o tráfico de escravos.

Em 1582, parte como embaixador do rei do Congo para Roma, a fim de reclamar do papa assistência sacerdotal para a numerosa comunidade cristã que existia no Congo.

Só em 1588, chegou a Roma onde foi recebido pelo papa Sixto V, que não se mostrou interessado em intervir nos negócios religiosos do Congo, para não dificultar as relações com Filipe II, a quem pertencia o dito reino.

No período em que permaneceu em Roma conheceu Filippo Pigafetta, a quem faz um relato oral e fornece notas manuscritas sobre a região do Congo. Baseado nestas informações Pigafetta redigiu a ***Relação do Reino do Congo e das terras circunvizinhas,*** que foi traduzido para diversas línguas e serviu de referência a todos os trabalhos de geografia africana*na época.*

Em 1589, Duarte Lopes encontrava-se em Madrid, onde redige um relatório a Filipe II, rei de Espanha e Portugal, indicando as vantagens de recrutar escravos em Angola e S. Tomé para enviar para as Índias Ocidentais. Este texto evidencia que, além de diplomata e explorador, Duarte Lopes era um negociante experiente e sobretudo bom conhecedor do comércio de escravos.

A partir desta data desconhecesse o seu paradeiro. Ignora-se se chegou a regressar ao Congo.



**Duarte Lopes**

Em 1578, partia de Lisboa, com destino a Luanda, um português chamado Duarte Lopes, acompanhando um seu tio que seguia para África com diversas mercadorias. Os portugueses ensaiavam então uma primeira fixação definitiva nesta região, com a fundação de Luanda três anos antes, por Paulo Dias de Novais. Os contactos com o reino do Congo eram, porém, muito anteriores. Na verdade, contavam já com quase um século, desde que Diogo Cão chegara à foz do Zaire e fora bem recebido pelas tribos locais. Duarte Lopes teve ocasião de conhecer com alguma profundidade a região, efectuando diversas viagens no interior do continente que o tornaram no primeiro grande explorador europeu de África. Vamos hoje acompanhar alguns passos da sua vida, assim como a obra que nos deixou, chamada de "*Relação do Reino do Congo e das terras circumvizinhas*".

Conhece-se muito pouco da vida de Duarte Lopes. Sabe-se que terá nascido em Benavente em meados do século XVI, de família cristã-nova, e ignora-se a data da sua morte. Os dados da sua biografia referem-se sobretudo à sua estadia no reino Congo. Aqui viveu durante alguns anos, até 1584. Durante este tempo, Duarte Lopes viajou por diversas regiões de África, em parte graças aos favores do rei do Congo, que conseguiu captar, em parte devido à sua curiosidade e espírito aventureiro. No decorrer de tais viagens recolheu um vasto conjunto de informações, que mais tarde viriam a ser publicadas, e que constituem a primeira descrição fidedigna do interior de África. Por esta altura, os portugueses detinham um conhecimento de África que só muito mais tarde veio a ser suplantado. Todos conhecemos as viagens pioneiras de Livingstone e de Stanley, e também dos portugueses Serpa Pinto,  Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, no século XIX. Estes homens exploraram o interior de África, mas não foram os primeiros, ao contrário do que muitas vezes se julga. Já alguns portugueses, entre os quais Duarte Lopes, haviam dados os primeiros passos. A este propósito escreveu um historiador belga, no século XIX:

“*Comparando uma carta de África, feita no ano de 1850, antes das viagens de Barth, Livingstone e Speke, com uma carta dos fins do século XVI, depois das grandes explorações de Diogo Cão, Francisco Gouveia e Duarte Lopes, vê-se que o interior desse continente era muito menos conhecido há 30 anos do que há 300 anos*”.

Em 1585, após as suas viagens, Duarte Lopes regressa à Europa. A sua posição no interior do reino do Congo era tal que é nomeado embaixador deste reino junto do agora rei de Portugal Filipe I, e também junto do Papa. O Congo era nesta altura um reino cristão, mas havia uma situação de tensão e conflito com os portugueses estabelecidos em Angola. Duarte Lopes não consegue os seus objectivos junto do rei de Portugal, e segue para Roma, onde o Papa Sisto V o recebe favoravelmente. A política do rei do Congo nesta época, de que Duarte Lopes era porta-voz, era a de obter margem de manobra e apoio que contrabalançasse o peso crescente dos portugueses de Luanda, que ameaçavam o seu poder local e o seu prestígio.

É em Roma que Duarte Lopes entra em contactado com o humanista Filippo Pigafetta, certamente interessado em obter informações acerca do continente africano, que o português parecia conhecer tão bem. Dos contactos entre as duas personagens viria o italiano a escrever uma obra, chamada de “*Relação do reino do Congo e das terras circumvizinhas*”, que sairia em 1591. Na verdade, não sabemos se o italiano escreveu directamente dos relatos de Duarte Lopes, nem se este acompanhou de perto a redacção do texto. Desta forma, é impossível distinguir o que proveio das informações do português do que foram os acrescentos e correcções do humanista italiano.

Mas tal não diminui o interesse da “Relação”. Nela o autor mistura descrições do Congo e das suas diversas regiões com a história do reino desde a chegada dos portugueses, onde estão patentes as diferenças com a mentalidade europeia, mas igualmente o sentimento de curiosidade e interesse pela civilização africana. Eis como Lopes e Pigafetta descrevem os habitantes da terra:

“*Os homens e mulheres são negros, alguns menos, tirando mais a baço, e têm os cabelos crespos e negros, alguns também vermelhos, a estatura dos homens é de mediana grandeza, e tirando-lhes a cor negra, são parecidos com os Portugueses: as pupilas dos olhos de diversas cores, negras e da cor do mar, e os lábios são grossos, como os Núbios e outros negros, e assim os seus rostos são cheios e subtis e váriados como nestas regiões, não como os negros da Núbia e da Guiné, que são disformes*.”

Esta obra conheceu uma rápida expansão por toda a Europa, tendo sido traduzida pouco depois para outras línguas, o que revela o interesse que este tema despertava na época. Pigafetta fez acompanhar o texto com uma série de desenhos e ilustrações supostamente baseadas no relato de Duarte Lopes. Mas estas mostram que quem as desenhou nunca esteve em África: os habitantes parecem europeus, as cidades congolesas assemelham-se à Roma Clássica e mesmo os animais não têm correspondência com a realidade: a zebra, por exemplo, é claramente um cavalo pintado às riscas.

Noutros aspectos, provavelmente os que provêm mais directamente de Duarte Lopes, a obra revela rigor e cuidado. A descrição da capital do reino, S. Salvador do Congo (no Norte da actual Angola) e das suas diversas províncias, assim como a história do reino desde a chegada dos portugueses, é muito interessante e provavelmente fidedigna. É particularmente curiosa a forma como descreve as alterações que a conversão do rei ao Cristianismo e o contacto com os portugueses provocaram ao nível do quotidiano e do vestuário local:

“*Antigamente este rei e os seus cortesãos vestiam-se de panos de palma, com os quais se cobriam da cintura para baixo, apertando-os com cintos feitos da mesma matéria e de belos lavores; no ombro traziam um rabo de zebra preso a um cabo, por ser de uso antigo naquelas regiões; na cabeça tinham carapuças de cor amarela e encarnada; andavam descalços a maior parte deles. Mas depois daquele reino ser cristianizado, os grandes da corte começaram a vestir-se à moda dos portugueses, trazendo mantos, capas, tabardos de escarlata e de telas de seda; na cabeça, chapéus e barretes, nos pés, alparcas de veludo, de couro, e borzeguins à moda portuguesa. Logo que o rei se converteu ao Cristianismo, reformou também a sua corte de certo modo imitando a de Portugal, e principalmente quanto ao modo de estar à mesa. Possui baixela de ouro e de prata, com um salva para comer e beber*.”

Duarte Lopes regressou novamente a Madrid, onde voltou a contactar Filipe II e a informá-lo das vantagens de intervir no Congo e de promover o relacionamento com aquele rei. Lopes pretendia provavelmente incrementar a acção evangelizadora naquela região de África, invocando para tal o interesse da Coroa Portuguesa nas possíveis riquezas, como ouro e prata, que estariam hipoteticamente por descobrir no interior do reino. Nada mais conhecemos da sua vida, nem sequer se alguma vez regressou a África. Apenas conhecemos a “Relação do Congo”, que permaneceria durante muito tempo como a mais importante descrição de um reino africano.